

ENTRE TRANCOS E BARRANCOS: UMA INVESTIGAÇÃO SOBRE O ENSINO REMOTO DE HISTÓRIA EM TEMPOS DE PANDEMIA

Emanuely Cristina de Souza Nascimento ¹

RESUMO

Este artigo é resultado de uma pesquisa qualitativa baseada na metodologia da história oral, realizada com 4 professoras das redes de educação pública e privada de cidades da Paraíba, acerca do ensino de história no período da pandemia da COVID-19. O presente estudo buscou compreender questões ligadas ao funcionamento das aulas, adaptações das metodologias de ensino e das relações entre professores e alunos nesse contexto, além de abarcar suas dificuldades e potencialidades visto que, o estudo de história pode trazer grandes benefícios na construção de sujeitos críticos que saibam ler o contexto atual, atitude necessária no momento pandêmico. Esse estudo baseou-se em autores como Paulo Freire no que concerne ao processo educativo como um ato de esperança e amor, autores da atualidade que já falam sobre a pandemia como Santos(2020) e outros autores focados no ensino de história e de contextos sociais a exemplo de Almeida(2022) e nos documentos oficiais que regem o ensino de história como a BNCC e os PCNs. Os resultados da pesquisa demonstraram um grande realce de problemas socioeconômicos nas famílias, o que resultou na exclusão de muitos alunos das atividades de ensino remotas e por consequência do processo educativo, muito necessário para a construção dos sujeitos como um todo. Além disso, as professoras apontaram muitos desafios relacionados ao uso de tecnologias e da adaptação de metodologias que adequassem o ensino a modalidade remota trazendo aprendizados significativos para os estudantes. Neste contexto, as professoras demonstraram muita força e determinação, reinventando-se de diversas maneiras por acreditarem no poder da educação.

Palavras-chave: Educação, Ensino de história, Pandemia.

INTRODUÇÃO

O ano de 2020 foi marcado por acontecimentos sem precedentes nas vidas de muitas pessoas. A pandemia causada pela Covid-19 surpreendeu a todos, instaurando uma nova realidade para a qual não havia protocolos estabelecidos. Vidas perdidas, negócios fechados, aumento das taxas de desemprego e problemas de saúde mental tornaram-se notícias rotineiras na mídia.

Em meio a esse cenário de caos, doença e perdas, está inserida a educação escolar, que como todos os outros âmbitos da sociedade foi extremamente afetada pela pandemia. Com a instauração da quarentena foi decretada a suspensão das aulas e com a implementação do

¹ Bolsista do PET Pedagogia. Graduanda do Curso de Pedagogia da Universidade Federal de Campina Grande - PB, emanuelysouza58@gmail.com ;

chamado “novo normal”, passaram a ser frequentes os questionamentos de pais, alunos e professores sobre como iria ficar a educação escolar nesse contexto.

Como solução cabível ao momento histórico, houve o início do ensino remoto nas escolas públicas e privadas. Com essa nova realidade, surgiram relatos de professores e professoras sobre a enorme carga de trabalho exigida por essa nova modalidade de ensino, bem como sobre as dificuldades inerentes a essa prática, tanto para eles quanto para os alunos e suas famílias.

Diante desses acontecimentos, foi realizada como sugestão de atividade de uma disciplina de história do curso de Pedagogia da Universidade Federal de Campina Grande, com o intuito de compreender como tem se dado esse processo do ensino remoto de História em tempos de pandemia. Uma vez que

“A História, enquanto disciplina escolar, [...] possibilita ampliar estudos sobre as problemáticas contemporâneas, situando-as nas diversas temporalidades, servindo como arcabouço para a reflexão sobre possibilidades e/ou necessidades de mudanças e/ou continuidades.” (BRASIL,1998, p.20 Apud ALMEIIDA 2022)

Assim, o ensino de história é fundamental para a construção sociocultural do educando, bem como para a formação da sua leitura crítica de mundo, especialmente em um momento ímpar da História da humanidade, como a pandemia da COVID 19.

A pesquisa foi realizada com 4 professoras de educação básica de escolas públicas e privadas do estado da Paraíba, e buscou responder às seguintes questões: Como são selecionadas as metodologias para as aulas remotas? Quais os desafios e potencialidades dessa modalidade de ensino? Como tem sido a participação dos alunos no ensino remoto?

Os objetivos do estudo foram: investigar a experiência do ensino remoto das professoras que optaram ou foram obrigadas a lecionar nesta nova modalidade de ensino; perceber como ocorre a relação professor-aluno nessas novas circunstâncias e como é estabelecido o contato com as famílias; analisar como ocorre o planejamento das aulas, bem como a seleção dos conteúdos; e refletir sobre a importância do ensino de História durante a pandemia, com base em autores como Paulo Freire, Almeida(2022) e Santos(2020).

Com as investigações foi possível perceber uma grande acentuação de problemas socioeconômicos da maioria dos alunos e suas famílias, o que exclui uma grande massa de estudantes do “novo normal”. Não obstante a isso, as professoras citadas no estudo, demonstraram grande empenho apesar das dificuldades, para ensinar de diversas maneiras a

esses alunos, a fim de que tivessem a menor quantidade de prejuízos possível no processo educativo.

O presente artigo é resultado dessa pesquisa e está organizado da seguinte maneira: primeiramente, é discutido o conceito de Pandemia; em seguida, discorre-se sobre o ensino remoto e a educação em tempos de pandemia; e posteriormente, é feita uma discussão sobre o ensino remoto de História. Na sequência, são apresentados e analisados os dados coletados na pesquisa realizada com as professoras de História na educação básica e, por fim, são tecidas algumas considerações finais sobre os resultados da investigação.

DISCUTINDO O CONCEITO DE PANDEMIA

No dia 11 de março de 2020, a OMS – Organização Mundial de Saúde – caracterizou a Covid-19 como uma pandemia, isto é, uma doença cuja disseminação atinge níveis mundiais. Diante desse quadro, viu-se em todos os países um movimento em torno de uma política de isolamento social, em um esforço para evitar a contaminação em massa das pessoas com o vírus que era ainda desconhecido.

Com tudo isso, o período de quarentena instituído, realçou as desigualdades sociais presentes nas sociedades capitalistas, na medida em que o isolamento teve conotações diferentes para as pessoas de classes sociais distintas. Os integrantes das classes média e alta puderam ficar em casa, trabalhando remotamente e usufruir do seu lar, enquanto os mais pobres não tiveram a opção de parar de trabalhar e viram-se obrigados a continuar seus ofícios e arriscar suas vidas, ou, tiveram que parar o trabalho, comprometendo sua renda com o objetivo de tentar se isolar em suas casas, na maioria das vezes pequenas e habitadas por muitas pessoas.

Santos (2020) chama atenção para aqueles sujeitos que estão a “sul da quarentena”, isto é, aqueles que tiveram suas dificuldades já existentes antes da quarentena intensificadas nesse período. Segundo o autor: “são os grupos que têm em comum padecerem de uma especial vulnerabilidade que precede a quarentena e se agrava com ela” (SANTOS, 2020, p.15). Neste grupo, são destacados os trabalhadores informais, os moradores das periferias, as mulheres, entre outros que possuem vulnerabilidades econômicas e sociais.

Assim, é possível notar o caráter discriminatório dessa pandemia da Covid-19, uma vez que, embora atinja todas as pessoas biologicamente de maneira indiscriminada, por estar situada em um mundo globalizado e predominantemente capitalista, acaba alcançando mais facilmente aqueles indivíduos que estão mais vulneráveis social e economicamente, visto que estes não

puderam seguir à risca as medidas preventivas indicadas pela OMS, por não terem condições mínimas de sobrevivência e higiene mesmo antes da pandemia.

Além disso, é perceptível a forte influência mercadológica nas decisões sanitárias tomadas pelos governos, na medida em que, mesmo diante do aumento da contaminação com o vírus, foram permitidas as aberturas de comércios, restaurantes, serviços e outros estabelecimentos. Foi instituído um “novo normal”, com medidas de distanciamento social e precauções sanitárias para propiciar a retomada das atividades econômicas nas cidades.

Nesse sentido, diante de um retorno às atividades em meio a uma pandemia, surgiram preocupações em relação à saúde mental dos trabalhadores, uma vez que em casa a carga de trabalho tendeu a aumentar em razão do acúmulo de funções profissionais e domésticas, somadas aos cuidados com crianças e idosos, principalmente para as mulheres. Nesse cenário, destaca-se a situação dos professores e profissionais da educação, pois muitas foram as cobranças feitas por pais e alunos para uma tomada de decisão em relação à continuidade das aulas.

O ENSINO REMOTO E A EDUCAÇÃO EM TEMPOS DE PANDEMIA: O “NOVO NORMAL”

Com o aumento do número de casos confirmados da doença ao longo do tempo, a realidade do “novo normal” tornou-se necessária. Nesse sentido, foi necessária a tomada de medidas e a realização de adaptações para que as aulas não seguissem paralisadas.

A cobrança por providências vinda de pais e alunos, principalmente da rede particular, juntamente com os donos de escolas e instituições educacionais privadas, por motivos diversos, e principalmente associados a questões de ordem econômica, culminaram na instauração das aulas remotas. Apesar da luta por essas aulas ter sido forjada majoritariamente pelo interesse econômico privado, esse regime também foi estabelecido para entidades públicas. Com a experiência remota, foram evidenciadas as realidades diferentes entre os alunos da educação básica no país, ressaltando ainda mais as disparidades sociais entre as diferentes classes.

A alteração da modalidade das aulas de presenciais para virtuais ocasionou também uma mudança das relações entre família e escola, bem como entre professores e alunos. Levando em consideração a questão da relação família-escola, a própria instituição escolar passou a adentrar a casa dos alunos diariamente, podendo, em alguns casos, se utilizar desse contexto para ampliar os laços com a família e atrelá-la ao processo de aprendizagem das crianças. Diferentemente

dessas situações, há aqueles cuja família não pode permanecer na residência o dia inteiro, pois os integrantes precisam trabalhar para fornecer a renda do grupo. Nesses casos, a escola precisou procurar medidas diferentes para manter a comunicação com a família dos alunos e a frequência dos mesmos nas aulas.

As relações entre professores e alunos também sofreram grandes perdas: os abraços calorosos, as múltiplas interações ao longo da jornada escolar e a atenção individualizada foram suprimidas e transformadas em palavras que chegaram às crianças através das telas de computadores, smartphones e tablets. É um grande desafio para os professores manter o processo de ensino aprendizagem e uma relação afetiva com os alunos sem a presença física, uma vez que, de acordo com Vygotsky, “nos tornamos nós mesmos através dos outros” (VYGOTSKY, 1928 apud GOÉS, 2000). Em suma, as interações sociais foram prejudicadas com o isolamento social, o que tem sido muito danoso para a formação das crianças, bem como para o processo educativo de modo geral.

O ENSINO REMOTO DE HISTÓRIA

A História adentra nas escolas e nas universidades brasileiras como componente curricular a partir do século XIX, quando é considerada uma ciência. Desde então, esta disciplina tem se tornado cada vez mais importante e necessária, uma vez que é indispensável para a composição de uma sociedade íntegra e justa.

O ensino de história na educação básica assume um papel fundamental na construção do sujeito, tendo em vista que propicia a este, através de conhecimentos específicos da área, oportunidades de desenvolvimento sociocultural crítico e fundamentado no saber científico como Bloch (2001, p. 19 apud ALMEIDA 2022) “A história é a ciência do homem no tempo.”. A instrução de história proporciona também ao aluno, a concepção de sua própria consciência cidadã, fazendo-o perceber o seu papel social e político no meio em que está inserido. Em 1997, os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs), já estabeleciam as contribuições da disciplina de História para a construção da identidade, da cidadania, bem como o reconhecimento do outro, ao respeito à diversidade cultural e à democracia. E até hoje essas contribuições são resguardadas com a obrigatoriedade do ensino de história e presente na Base Nacional Comum Curricular (BNCC).

O indivíduo se constitui como cidadão, a partir do momento em que ele se compreende como sendo um ser histórico que participa ativamente da cultura da sociedade na qual está inserido. Entender isso não é uma tarefa simples; no entanto, o estudo da história nos aproxima dessa percepção, ajudando-nos a assumir essa função participativa que temos diante da nossa classe e da cultura.

Conhecer os fatos históricos permite ao ser humano a compreensão de que o presente é influenciado pelos eventos que aconteceram no passado. Com esse estudo, temos a possibilidade de visualizar situações atuais e decidir sobre o futuro à luz dos acontecimentos passados, pois a história não está ligada somente ao passado, ela vai além: estabelece relação com o passado, o presente e o futuro. A Base Nacional Comum Curricular (BNCC) aponta que:

“As questões que nos levam a pensar a História como um saber necessário para a formação das crianças e jovens na escola são as originárias do tempo presente. O passado que deve impulsionar a dinâmica do ensino-aprendizagem no Ensino Fundamental é aquele que dialoga com o tempo atual. (BNCC, 2017, p. 397)

Todavia, com a pandemia ocasionada pelo Covid-19, que interceptou a rotina de todas as escolas públicas e privadas do Brasil, o ensino de história não pôde mais ser como antes, precisando sofrer algumas alterações de planejamentos, práticas, recursos pedagógicos, formas de avaliações e interações sociais. O ensino presencial de história, assim como os demais, precisou ser interrompido abruptamente a fim de poupar a população da contaminação pelo corona vírus. Em virtude disso, a educação teve que se adaptar às novas condições e, dessa forma, houve a inserção dos recursos tecnológicos no auxílio do ensino e aprendizagem de professores e alunos.

No entanto, esta resolução não se configurou como uma solução total, pois existem alguns fatores que não foram pensados para atender todos os sujeitos envolvidos. Infelizmente esta medida não contempla a todos, uma vez que, de acordo com vários sites de informação jornalística como o g1.com, cerca de 33 milhões de brasileiros ainda não têm acesso à internet. Com isso, há um reforço da desigualdade social, onde aqueles que já possuem boas condições podem se encaixar nesse novo normal, enquanto os que não detêm, são excluídos.

Outra condição que torna esse parâmetro excludente é a falta de formação tecnológica para os professores das redes pública e privada. Com esta carência, muitos professores perderam o seu emprego ou desistiram de lecionar no ano de 2020, pois se sentiram incapacitados para dominar as múltiplas plataformas digitais.

Além dessas problemáticas citadas anteriormente, o profissional da educação teve que enfrentar muitos desafios durante o “novo normal”. O professor teve que reinventar-se trazendo

para a sua sala de aula virtual um ensino inovador, pautado na pedagogia da esperança e da afetividade, compreendendo as particularidades dos sujeitos, para com isso propiciar aos seus alunos uma formação significativa.

Além disso, a disciplina de história é capaz de auxiliar os alunos e suas famílias a superarem as incertezas e os desafios deste tempo presente, relacionando os fatos históricos com a pandemia que vivemos atualmente. Incorporando os temas atuais nas discussões históricas em sala de aula, o professor tem a possibilidade de conscientizar os alunos quanto aos riscos do Covid-19, além da possibilidade de trabalhar com arquivamento de materiais referentes ao tempo vivido hoje, para que se tornem fontes históricas do futuro.

METODOLOGIA

Baseada em Ludke e Marli, 1986, a investigação realizada neste trabalho foi de cunho qualitativo, uma vez que não se propôs a contabilizar quantidades em seu resultado. A metodologia de pesquisa utilizada foi a história oral temática, partindo do entendimento desta como uma ferramenta pertinente para compreender o cotidiano e as impressões dos sujeitos, pois, como afirma BOSI (2003, p.7) “a narrativa mostra a complexidade do acontecimento. É² a via privilegiada para chegar até o ponto de articulação da História com a vida cotidiana”.

O estudo foi realizado com 4² professoras da educação básica que lecionam no estado da Paraíba, em diferentes cidades. A professora A é graduada em História com especialização e mestrado na área de educação e leciona nos anos iniciais em uma escola pública. A professora B é pedagoga com especialização em atendimento educacional e trabalha em uma escola privada nos anos iniciais. A professora C trabalha em uma turma multisseriada na zona rural e a professora D tem graduação e pós-graduação em História e trabalha nos anos finais do ensino fundamental em uma escola estadual.

O levantamento de dados foi feito a partir de um roteiro de questões norteadoras que guiaram o relato oral das professoras entrevistadas. Devido ao momento de distanciamento social vivenciado, os relatos orais precisaram ser adaptados às condições propostas. Dessa forma, foram estabelecidos contatos entre as pesquisadoras e as professoras sujeitos da pesquisa

² Na apresentação dos dados da pesquisa realizada, as professoras que participaram do estudo serão denominadas de A, B, C e D, por princípios éticos.

através da rede social WhatsApp, e a partir do vínculo criado foram realizadas conversas entre os pares nas quais as professoras responderam aos questionamentos de forma remota.

Essa investigação buscou compreender as experiências com o ensino remoto das professoras que optaram, ou foram obrigadas, a lecionar História (exclusivamente, no caso da professora de Anos Finais, ou juntamente com os demais componentes curriculares, no caso das professoras de Anos Iniciais) durante a Pandemia. Além disso, teve o intuito de refletir sobre as dificuldades e potencialidades dessa nova modalidade de ensino.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Inicialmente, buscou-se compreender os desafios e potencialidades da experiência do ensino de História na Pandemia. Nessa questão, a professora A apontou para a dificuldade em conseguir a participação dos alunos nas aulas, uma vez que, segundo ela, apenas cerca de 30 ou 40% dos discentes foram frequentes nos encontros virtuais. Para os demais, a professora disponibiliza atividades impressas, com mensagens escritas de forma personalizada, como meio de garantir uma interação e comunicar afetividade e carinho àqueles que não participam das aulas online.

A professora B indicou a desvalorização do ensino de História em relação às outras disciplinas, e a pouca importância dada a essa matéria pelas pessoas como um grande desafio. Como potencialidade, a professora apontou a possibilidade de fazer um resgate histórico e desenvolver sujeitos críticos e reflexivos a partir dos acontecimentos observados na sociedade.

A professora C, por atuar em uma turma multisseriada da zona rural, afirmou que o desafio que se apresenta é o de conseguir organizar todos os conteúdos das disciplinas para ministrá-los da melhor forma possível para todas as crianças, tendo em vista as dificuldades inerentes à vivência de diferentes séries juntas. Outro desafio apontado por ela, é a falta de acesso dos alunos à internet e a dificuldade do acompanhamento deles no horário regular, uma vez que muitos utilizam os aparelhos celulares dos pais, que os levam para o trabalho durante o dia, além de terem que compartilhar o dispositivo com outras pessoas da família. A potencialidade destacada por ela foi a ampliação do horizonte em relação ao aprendizado das crianças, ao terem contato com conteúdos que extrapolam os previstos para sua série no contexto de turma multisseriada.

Como docente dos Anos Finais do Ensino Fundamental, a professora D destacou como potencialidade a relação que o ensino de História tem com a vida cotidiana dos sujeitos, afirmando que ele deve contribuir para a formação de um olhar crítico nos alunos.

Em relação à experiência da pandemia, a professora A destacou a alteração sofrida em sua rotina e como o trabalho em casa tem exigido mais esforço e mudanças na preparação do ambiente, como a compra de materiais e equipamentos de microfone, iluminação, câmera, e melhorias na internet. A professora B relatou o choque sentido inicialmente diante da pandemia. Ela afirmou que após o susto inicial e alguns meses de reclusão, as atividades foram sendo retomadas, com as precauções necessárias e ainda não na dimensão inicial. Destacou ainda a importância da rotina estabelecida com sua família, afirmando que aqueles que conseguiram se organizar e se adaptar, convivem melhor com a pandemia.

A professora C declarou ter experienciado muita ansiedade e abalos psicológicos com a pandemia, devido à desaceleração abrupta ocorrida por causa da quarentena. Ela narrou ter tido problemas com a perda de controle na alimentação e a indisposição para os estudos, devido à ansiedade causada pelo isolamento. Com a flexibilização das restrições, ela afirmou ter conseguido lidar de uma forma melhor com essas questões, visitando alguns familiares e concluindo atividades acumuladas. Já a professora D caracterizou o cotidiano da pandemia como algo “desconcertante e assustador”, destacando as muitas mudanças ocasionadas por essa situação, nos âmbitos profissionais, familiares e subjetivo.

Sobre as questões relacionadas ao ensino remoto de história, a professora A afirmou ter sentido a necessidade de fazer cursos online sobre metodologias ativas para aprimorar suas aulas. Ela apontou para o caráter lúdico e reflexivo de suas aulas presenciais, e afirmou buscar fazer uma adaptação dele para as aulas online, através de jogos e aplicativos virtuais. Também mencionou o auxílio mútuo e a cooperação entre os professores da escola no compartilhamento de ferramentas e dicas, o que tem proporcionado uma melhoria das aulas.

A professora B destacou a adaptação às novas tecnologias, utilizando-as a favor do ensino. Nesse sentido, ela afirmou que inicialmente, houve o sentimento de despreparo, fruto de uma lacuna na formação inicial em relação ao uso de tecnologias, e à dificuldade em gravar as aulas em casa. Ela enfatizou a importância da união entre as professoras, que se ajudaram e buscaram juntas aprimorar suas aulas. Destacou também o aumento da carga de trabalho do professor, que agora precisa planejar, gravar vídeos, editá-los e se preparar para os encontros síncronos. A docente também afirmou continuar a utilizar recursos com os quais trabalhava na

escola, a saber, jogos, brincadeiras, contação de histórias e livros paradidáticos; ela disse haver agora uma mescla entre esses recursos e as tecnologias, como os jogos online.

Sobre a seleção dos conteúdos e avaliação, a professora B utiliza os conteúdos selecionados pelo sistema de módulos trabalhados na escola, com adição apenas das datas comemorativas. A avaliação de seus alunos é feita a partir de simulados online, com a ferramenta *Google Forms*, e de “desafios”, que são semelhantes aos simulados, mas servem como forma de *feedback* das aulas, apontando para aquilo que necessita de reforço. Além disso, ela destacou como forma de avaliação, a observação e a interação dos educandos nos encontros síncronos.

A professora C afirmou que na realidade da sua escola na zona rural, nem todos os alunos possuem internet em casa, e muitos pais utilizam dados móveis para acessar a rede, o que diminui sobremaneira a qualidade do acesso, inviabilizando o recebimento de links ou documentos em formato PDF e até mesmo a realização de chamadas de vídeo. Sendo assim, a docente apontou a necessidade de adaptação e adequação ao contexto de seus alunos e ao planejamento indicado pela Secretaria de Educação do Município. O trabalho se dá a partir do envio semanal de atividades impressas para as crianças, com o retorno quinzenal para correção, e pelo contato via WhatsApp, através do qual são enviadas fotos, vídeos e atividades. A professora também procura fazer uso de utensílios domésticos, filmes e desenhos animados que as crianças têm acesso em suas casas. Uma particularidade mencionada por ela foi a luta para contemplar os conteúdos de História, uma vez que é dada prioridade nesse ciclo para os conteúdos de Língua Portuguesa e Matemática, por ordens da Secretaria de Educação.

A professora D apontou para a grande quantidade de materiais disponíveis no meio tecnológico que estão sendo explorados nesse momento, mas lamentou pelo fato de não ser possível realizar debates e discussões como eram feitas em sala de aula, onde ela trazia assuntos referentes aos acontecimentos da sociedade, devido às limitações das plataformas digitais. Ela afirmou realizar o envio de materiais para os alunos, e também relatou o desejo de retomar assuntos relacionados à pandemia quando retornarem às aulas presenciais, realizando reflexões acerca desse período histórico.

Em relação aos aprendizados com a Pedagogia do Vírus, a professora A caracterizou a pandemia como uma experiência desafiadora e revela ter percebido que o professor nunca está atualizado. A professora B afirmou ter aprendido a valorizar as pequenas coisas, até mesmo a rotina do dia a dia. Ela também disse ter entendido o quanto é possível evoluir e se aprimorar na profissão, sendo esse um tempo de muito aprendizado. Contudo, ela afirmou ter sentido

esperança no início da pandemia para uma mudança na sociedade em direção a uma humanização, mas que essa esperança desapareceu diante dos fatos ocorridos.

A professora C afirmou ter aprendido a se reinventar enquanto professora, e aponta para esse movimento em toda a comunidade escolar, incluindo o próprio aluno, de acordo com cada realidade. Ela destacou o interesse e a necessidade em aprender a utilizar novas ferramentas, e declarou que essa pandemia também quebrou barreiras, como as existentes entre algumas famílias e professores, na medida em que muitos pais perceberam o valor e o trabalho árduo dos docentes nas escolas. A professora D apontou também como lição a necessidade de reformulação e adaptação impulsionada pela pandemia.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O ensino de História durante a Pandemia da Covid-19 assumiu novas formas com a modalidade do ensino remoto. A análise dos resultados da pesquisa, aponta para um sentimento de despreparo sentido por alguns docentes, diante de uma realidade nova para a qual não foram preparadas em suas formações iniciais.

Isso revela uma lacuna na formação das professoras em relação ao uso de tecnologias do ensino e de metodologias ativas, uma vez que muitas professoras indicaram não ter tido contato com esses assuntos na graduação. Evidencia-se, assim, a necessidade de discussão nos cursos de licenciatura sobre essa temática, como forma de auxiliar os professores a utilizar criticamente esses recursos da informática de modo a dinamizar suas aulas e contribuir para a aprendizagem dos alunos, conforme afirma Sandre (2011).

Não obstante a esses obstáculos de formação, as professoras demonstraram um compromisso sério com sua profissão e com seus alunos, buscando capacitação e formas de organização e planejamento de suas aulas no intuito de dar continuidade ao trabalho iniciado presencialmente. Assumindo seu papel de educadora mesmo frente a um momento tão delicado para toda a humanidade, concordando assim com as palavras de Freire (1983, p.97) “A educação é um ato de amor e, por isso, um ato de coragem.”.

Soma-se a isso, a busca pela reinvenção do ser e do fazer docentes realizada por estes atores, o que revela a consciência do inacabamento do ser conforme prenuncia Freire (1996), e a sua importância para o exercício da profissão do professor, bem como para o processo de ensino-aprendizagem.

AGRADECIMENTOS

Agradeço com muito esmero, a Deus por me permitir viver grandes momentos na carreira universitária. Aos meus pais Emanuel e Maria Cristina que sempre me apoiam e incentivaram a ser a melhor em tudo que decidisse fazer. Ao meu esposo Anderson, por me acompanhar e me ajudar no que preciso na carreira acadêmica. E em especial, dedico esse trabalho a duas grandes amigas de graduação Alana Lima e Isabela Trigueiro, das quais sem as suas contribuições esse artigo não teria sido feito.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Daniel Alves de. **O ensino de História e a formação do cidadão crítico: um olhar sobre o ensino médio**. Revista Semina, Passo Fundo, vol.21, n2, p. 63-75, abr/set 2022.

Base Nacional Comum Curricular (BNCC). Educação é a Base. Brasília, MEC/CONSED/UNDIME, 2017.

BOSI, Ecléa. **O tempo vivo da memória**: ensaios de psicologia social. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003.

FREIRE, Paulo. **Educação Para a Liberdade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1967.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia**: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GUIZZO, B. S.; MARCELLO, F. de A. and MULLER, F. Cenas da pandemia. O que podemos pensar sobre educação? [online]. *SciELO em Perspectiva: Humanas*, 2020 [viewed 05 November 2020].

Mais de 33 milhões de brasileiros não tem acesso a internet, diz pesquisa. G1.com. Disponível em: <https://g1.globo.com/tecnologia/noticia/2022/03/21/mais-de-33-milhoes-de-brasileiros-nao-tem-acesso-a-internet-diz-pesquisa.ghtml>. Acesso em : 23/09/2022.

Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs). Ensino Fundamental. Terceiro e quarto ciclos. Brasília: MEC/SEF, 1998.

RAQUEL, Martha. **Quem são as pessoas que não têm acesso à internet no Brasil?**: Uma a cada cinco pessoas não tem internet própria e compartilha rede do vizinho.. 2020. Acesso em: 23/09/2022.

SANDRE, Lara Patrícia. Novas Tecnologias no curso de história: uma didática possível. 2011.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **A cruel pedagogia do vírus**. Coimbra: Almedina, 32 p. 2020.

Mais de 33 milhões de brasileiros não têm acesso à internet, diz pesquisa. G1.com. Disponível em: <https://g1.globo.com/tecnologia/noticia/2022/03/21/mais-de-33-milhoes-de-brasileiros-nao-tem-acesso-a-internet-diz-pesquisa.ghtml>. Acesso em : 23/09/2022